

# Revolução

## 1º de MAIO que unidade ?



**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## RESPOSTA

### A UM LEITOR

No Revolução do dia 18, na secção PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES, publica-se uma CARTA de um leitor na pág. 12.

O autor da carta diz: "Impressiona-me a honestidade do PRP, afirmando que é a classe e não o Partido que fará a Revolução e tomará o poder".

O PRP-Brigadas Revolucionárias não defende esta posição devido a qualquer tipo de honestidade.

Ser a classe ou o partido a fazer a Revolução Socialista, a tomar e a exercer o poder é uma questão que salta da análise científica e materialista que o PRP-Brigadas Revolucionárias faz das experiências socialistas vividas e da realidade concreta portuguesa.

Olhando para os países de Leste, vemos a degenerescência de estados proletários. Aí o partido tomou o poder e ficou no poder. Os quadros desse partido foram ganhando privilégios, foram-se corrompendo sem que a classe os pudesse demitir. Assim se formou a

burocracia - a nova classe privilegiada que marca o regresso à sociedade de classes. O PRP-BR defende que será a organização autónoma da classe a tomar e a exercer o poder. Assim ficará livre do perigo da degenerescência porque tem estruturas organizativas para eleger e demitir quem bem entender.

Olhando para a realidade portuguesa vemos não sei quantas forças políticas a falar de construção do tal partido da classe, segundo o esquema clássico que serviu melhor ou pior em outros países em outros momentos do processo histórico. A classe não tomará nenhum partido como se fosse o seu predilecto e o tal partido nunca aparecerá.

Numa Revolução Socialista aqui tem consequências muito diversas das que tem por exemplo no Camboja. Será o detonador dum processo que abalará a velha Europa capitalista. O imperialismo não verá o processo com bons

olhos. Para que a Revolução Socialista aqui triunfe terá que ser feita não por um partido mas pela classe em armas: organizada, autonomamente.

Portanto o PRP-BR pretende contribuir para a construção da

Organização Autónoma da classe que neste momento já passa pelos Conselhos Revolucionários. Não se trata portanto de pôr o problema em termos de honestidade.

Saudações  
M. I.

#### Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGES DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, 64  
Tel. 2763267 / 2763397 / 2763122

COVILHA — Rua Visconde da Coriscada, 60

EVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa  
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"  
Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º Dt.º — Tel. 682323

LOULE — Av. José da Costa Mealha, 39, 1.º

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pombal, n.º 65

OLHAO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTO — Rotunda da Boavista, 76, 3.º Esq.  
Tel. 695080

Rua Alvares Cabral, 110  
Tel. 315759 / 315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 152

SACAVEM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETUBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espargueira  
Tel. 22558

VISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

#### Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68  
(a abrir brevemente)

ALMADA — R. Trindade Coelho — Cacilhas  
(a abrir brevemente)

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução

## SOLIDARIEDADE COM OS TRABALHADORES GRÁFICOS



### COMUNICADO DO SINDICATO DOS GRÁFICOS

#### CAMARADAS,

*Em face da recusa sistemática e premeditada da associação dos industriais gráficos em negociar o Caderno Reivindicativo do nosso Sindicato (faltando às reuniões e, portanto, demonstrando total desprezo pela classe operária), foram os Delegados Sindicais de todas as empresas convocadas para Plenário realizado no dia 5/5/75, pelas 15 horas, de onde saíram as seguintes directivas:*

1.º — Concentração às 15 horas do dia 6, junto ao Ministério do Trabalho (Praça de Londres);

2.º — Não à marcação de ponto até total satisfação das negociações;

3.º — Não aos boletins de produção até as negociações estarem concluídas;

3.º — Controle de produção imediato por parte dos trabalhadores;

5.º — Não à aceitação de acordos a nível de empresa;

6.º — Que esta luta seja extensiva à Imprensa Diária;

7.º — Comunicação aos jornais e demais órgãos de Informação para dar conta da nossa luta a todo o Povo Português.

#### AOS LEITORES

Devido aos feriados, do dia das eleições e do 1.º de Maio, foi impossível tecnicamente fazer o Revolução no seu dia habitual, quinta-feira, pelo que passou para a semana seguinte para oito dias depois, dia 8. Na semana seguinte sairá como habitualmente à quinta-feira.

UMA SÓ  
SOLUÇÃO  
REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA



# TV Programa mais longo

Na noite de 25 para 26 assistimos a um longo programa da T.V. em relação ao qual é necessário fazer uma certa análise. Nele se disseram vulgaridades e algumas coisas interessantes, nele se analisou a capacidade profissional da televisão para suportar trabalhos políticos. E como sempre nele se notou a tentativa de controle partidário.

## A "PROVÍNCIA"

Ao longo deste programa apareceram-nos imagens da chamada "província" e dos seus habitantes (no contexto do programa serão decerto "indígenas"). Aí se tentou explicar os resultados eleitorais, baseando isso na ignorância. Para tal se pôs de tripas ao léu a realidade daquelas pessoas. Só esperamos que o repórter não pretendesse demonstrar porque é que o P.S. ganhou e o P.C. perdeu, porque então deveria ter ido fazer perguntas à Marinha Grande, Amadora, Sacavém. Aí, vilas industriais é que é de perguntar porque é que o P.C. não ganhou. Mas para demonstrar a ignorância dos habitantes da província, o repórter vai de bisturi em punho e põe as feri-

das em aberto, vai de cultura cidadina e de máquina de filmar e esmaga aquela gente. O repórter pergunta coisas tão estranhas aquele mundo como para ele é a cultura do feijão. O repórter comporta-se em relação aos "indígenas" de Trás-os-Montes como o colonizador branco se comportava aos negros no tempo do colonialismo. Ele aí ia de máquina em punho fazer clichés dos "negrinhos" atzados, esmagados pela sua cultura ocidental. Pois atzados, atzados, lá fizeram os seus movimentos delibertação, lá se libertaram dos inteligentes portugueses. E não necessitaram mesmo nada de saber o que era uma "assembleia constituinte"... O repórter colonizador vai para a província e humilha com a sua câmara uma realidade que realmente não tem nada a ver com os senhores políticos de Lisboa. Esta reportagem usada como foi, torna-se um despudor.

## O MAJOR DELGADO DA FONSECA

Felizmente que lhe sobreveio o Major Delgado da Fonseca, que

compreende esse mundo e diz algumas coisas importantes, como seja que é necessário fazer um exército popular tipo Frelimo. Coisas a notar para quem pense em organizar as zonas mais recuadas.

## CÉSAR DE OLIVEIRA E A HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

César de Oliveira que é historiador, surge a meio do programa com uma "boca" notável: que foi por o Partido Comunista Alemão chamar sociais-fascistas aos sociais-democratas, que Hitler tinha subido ao poder. Irreflectida ou não, esta afirmação muito pouco materialista tem de ser rebatida. A ela nos referiremos mais profundamente no próximo número. E referiremos a história do Partido Comunista Alemão.

## AUGUSTO ABELAIRA — DUAS REFERÊNCIAS IMPORTANTES

Augusto Abelaira que esperou horas longas, até que realmente caiu numa hora em que viu pôs

dois problemas importantes: por onde passa a linha que divide a esquerda da direita (?); e por outro lado o problema do voto secreto ser mais conservador (caso do voto eleitoral) do que o voto de mão no ar (voto na fábrica). Mas José Carlos de Vasconcelos não chegou para os problemas e pôs-se logo a acabar a conversa. Falta de qualidade (e muito pretenciosismo) da

maioria dos profissionais da televisão portuguesa.

## LETRIA — O MAIS RESISTENTES...

Letria mostrou, pelo contrário que era um bom profissional. Aguentou (até com graça longas horas. Mas será que gosta de estar sozinho e não aparecem outros homens de qualidade?.

## PATRIOTISMO E INTERNACIONALISMO

Num momento em que as guerras coloniais em Angola, Guiné e Moçambique ainda estão bem presentes na cabeça e na vida de todos os portugueses, no momento em que o problema da independência nacional se coloca como uma questão de vida ou de morte às classes trabalhadoras em Portugal, no momento em que há que mobilizar milhões de homens para a defesa perante todos os Tratados de Tordesilhas ou ingerências estrangeiras neste país, pensamos importante a transcrição de um texto do teórico e prático do movimento comunista internacional Mao Tse Tung, referindo a outro local e a outras circunstâncias históricas que têm contudo analogia com a recente e actual situação portuguesa.

os comunistas chineses devem combinar o patriotismo com o internacionalismo.

## INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Somos ao mesmo tempo internacionalistas e patriotas e a nossa palavra de ordem é "Lutar contra o agressor em defesa da pátria". Para nós, o derrotismo é um crime, e pugnar pela vitória na Guerra da Resistência, é um dever iniludível. Pois unicamente lutando na defesa da pátria poderemos derrotar os agressores e alcançar a libertação nacional, e só alcançando a libertação nacional será possível que o proletariado e todo o povo trabalhador conquistem a sua própria emancipação. A vitória da China e a derrota dos imperialistas que invadem constituíram uma ajuda para os povos dos outros países. Daí que, nas guerras de libertação nacional o patriotismo seja a aplicação do internacionalismo.

## COMUNISTA E PATRIOTA

"Pode um comunista, que é internacionalista, ser ao mesmo tempo patriota? Defendemos que não só pode, como também deve ser. O conteúdo concreto do patriotismo é determinado pelas condições históricas. Existe o "patriotismo" dos agressores japoneses e de Hitler e existe o nosso patriotismo. Os comunistas devem opôr-se radicalmente ao "patriotismo" dos agressores japoneses e de Hitler. Os comunistas japoneses e alemães derrotistas no que respeita às guerras sustentadas pelos seus países. Corresponde aos interesses dos povos do Japão e da Alemanha fazer todo o possível para que fracassem as guerras dos agressores japoneses e de Hitler, e quanto maior for a derrota, tanto melhor. Isto é o que os comunistas japoneses e alemães devem fazer, e, com efeito estão fazendo. Tudo isto se explica porque as guerras desencadeadas pelos japoneses e por Hitler prejudicam não só outros povos, como também os povos dos seus próprios países. O caso da China é diferente porque ela é vítima de agressão. Por conseguinte

Por esta razão cada comunista deve empregar toda a sua iniciativa, marchar valente e resolutamente para o campo de batalha da guerra de libertação nacional, e apontar as suas espingardas contra os agressores japoneses. Pela mesma razão, imediatamente depois do incidente de 18 de Setembro de 1931, o nosso partido lançou um apelo para resistir aos agressores japoneses mediante uma guerra nacional de auto-defesa, e, mais tarde, propôs uma frente única nacional anti-japonesa e ordenou ao exército vermelho, que se reorganizasse como unidades do Exército Revolucionário Nacional anti-japonês e marchasse para a frente e, aos seus militantes, que combatassem na primeira linha da Guerra de Resistência e defendessem a pátria até à última gota de sangue. Estas acções patriotas são todas justas e, longe de infringir o internacionalismo, são precisamente a sua aplicação na China. Só quem tem ideias políticas confusas ou segundas intenções pode dizer o disparate de que nós erramos, de que nós abandonamos o internacionalismo proletário".

## OTELO Fala aos jornalistas

Continuação pág. 3

populares. Aqui há uma diferença grande com aquilo que aconteceu em Cuba em que foi o próprio povo que se armou para derrubar as Forças Armadas regulares, que eram defensoras de um regime de ditadura. Aqui pelo contrário são as F.A. - o Povo em armas - que assumem essa responsabilidade e derrubam a ditadura. Deixam de ser a guarda pretoriana do poder e passam a ser o poder do povo em armas contra um governo que já não era aceite pelo povo. Portanto essas Forças Armadas regulares têm de transformar-se e estão a transformar-se; julgo que quem aqui esteve em Abril de 74 e quem está agora pode ver essa transformação extraordinária. As F.A. estão a transformar-se num exército verdadeiramente popular, portanto isto é essencial e nós vamos essencialmente construir juntos, o povo desarmado e o povo em armas, a nova sociedade que queremos.

Salientamos nesta entrevista o facto do Brigadeiro Otelto legalizar a presença de soldados nos Conselhos Revolucionários considerando que eles têm a ganhar com a sua presença nos Conselhos. Esta sua

atitude corajosa é bem diferente da que muitos militares têm ou gostariam de ter.

Naturalmente que já não estamos de acordo com a concepção de inoportunidade em relação aos Conselhos Revolucionários. Como não estamos de acordo com a análise que faz da impossibilidade de intervenção americana ou da NATO. E pensamos que uma e outra coisa estão relacionadas. E não é por o Brigadeiro Otelto dizer que não invadem que a invasão não se dará... Perdido o Camboja e o Vietnam o imperialismo norte-americano perante o problema de perder ou não Portugal (e não só...). Álvaro Cunhal já reconheceu que a América não pode perder Portugal como a URSS não pode perder a Checoslováquia. E uma forma diferente de falar em invasão...

Os EUA estão portanto perante o dilema de deixar ir Portugal para a Revolução Socialista (ninguém pára isto!) e atrás de Portugal ser o começo do fim da Europa capitalista, ou invadir este país através de forças próprias ou da NATO.

E considerando a hipótese de medidas de força internas ou exter-

nas; considerando a inevitabilidade dum confronto final com a burguesia, uma organização revolucionária de trabalhadores e soldados será a única possibilidade. Essa organização revolucionária não pode ser as forças armadas actuais. A sua estrutura hierárquica, a sua estrutura feita à imagem e para defender a burguesia, não pode servir a revolução. A presença de oficiais conservadores não pode servir a revolução.

E é então que dizemos que é necessária a criação do exército revolucionário constituído pela soma dos soldados e dos oficiais revolucionários com os trabalhadores, organizados na sua base de trabalho. Essa é a ideia dos conselhos. O seu projecto de eleição na base e de unidade legítima-os como representantes dos trabalhadores. A sua semelhança com os soviets não é defeito.

Discutimos portanto algumas das ideias expressas pelo Brigadeiro Otelto. Estamos muito de acordo com outras. E sublinhamos a coragem deste militar, que é capaz de avançar sempre, sem medo.

# VOTA PS VOTA CONTRA-REVOLUÇÃO

## ONDE COINCIDEM O FASCISMO, O REVISIONISMO, O REFORMISMO,

A escala nacional e internacional é evidente o regozijo pela vitória rotunda que o P.S. obteve nas eleições. Podemos falar numa unanimidade de pontos de vista, que reflete bem o esforço que as forças políticas mundiais, e suas ramificações em Portugal, fazem no sentido de que algo mude, para que tudo fique na mesma. Essa unanimidade é exemplar, se tivermos em conta a satisfação imperante nas mais contraditórias (?) ideologias e concepções políticas.

Se folhearmos o "Diário de Notícias" de 28 de Abril, encontramos material suficiente, para alicerçarmos estas opiniões. Se não vejamos:

## CDS E AOC COINCIDENTES

O CDS e a AOC rivalizam entre si nos cumprimentos dirigidos ao PS, numa linguagem muito semelhante, que tem bastante a ver com as ligações internacionais que ambos os partidos têm.

O CDS "dá público testemunho do papel histórico desempenhado pelo PS na defesa das liberdades, esperando que este partido saiba identificar nos votos recebidos, o reconhecimento que o eleitorado assim realizou desse seu papel e dessa luta".

A AOC anuncia que vai assinar o pacto com o MFA (pacto que foi assinado por reformistas, neo-fascistas e outros contra-revolucionários), cumprimenta o PS, por representar "um amplo movimento de massas que compreendem as necessidades de lutar pelas liberdades democráticas": acrescentando: "A vitória eleitoral do PS foi a vitória das liberdades conquistadas com o 25 de Abril".

Confunde-se aqui o anti-comunismo do CDS, com o anti-social-fascismo da AOC que, como sabemos é parte do PCP (M-L) reconhecida oficialmente pela China, como o provou o recente convite feito a Vilar, secretário-geral do PCP (M-L) para visitar aquele país.

Esta coincidência insere-se na política internacional chinesa, de apoio a todas as forças que se opõem, neste momento, à influência da URSS, o que em termos de rivalidades imperialistas, significa uma identidade de pontos de vista entre a China e a reacção internacional. É neste contexto que se verifica o apoio chinês a certos países e certos grupos políticos nitidamente reaccionários, como por exemplo, o auxílio ao Paquistão e apoio à FNLA de Angola.

## A REACÇÃO INTERNACIONAL E A CHINA ANTI-SOCIAL-FASCISTA

Já falámos da opinião da AOC acerca da vitória do PS, o que em última análise, é a opinião da China, que seguindo a teoria do inimigo principal, esbanja os seus esforços no apoio às forças políticas opostas à influência soviética, representada em Portugal pelo PCP.

Recorrendo ainda ao "Diário de Notícias" vamos apresentar e comentar, embora os comentários sejam desnecessários, a opinião pública mundial

## — A ESPANHA FASCISTA

Os jornais fascistas espanhóis embandeiraram em arco, com o triunfo da moderação, ou seja, com o triunfo da conciliação de classes que, para nós é a vitória da burguesia, o entrave à Revolução Socialista, a continuação do modo de produção capitalista, embora com leves pinceladas "esquerdistas".

Todos os jornais espanhóis são unânimes em ressaltar a moderação e equilíbrio de forças em direcção a um centro convergente na medida em que foram completamente postos de lado tanto os extremistas de esquerda como da direita. Isto significa que existe q tipo leque de forças que compõe a chamada democracia burguesa; isto significa que Portugal se encontra em profunda instabilidade já que consideramos que não há possibilidade de estabilização para a democracia burguesa.

Continuam a afirmar os periodistas espanhóis que o governo português "poderá agora dialogar melhor com os países europeus no que diz respeito a uma ajuda económica e política sem que estes possam invocar a ameaça do domínio comunista". Isto significa que Portugal pode continuar enfeudado ao capitalismo internacional, significa também (e aí damos razão aos espanhóis) que o triunfo do PS é um triunfo do anti-comunismo. Também significa um suspiro de alívio soltado pelos "nuestros hermanos", por um estacar da Revolução, que teria grandes consequências no avançar do processo revolucionário na Espanha Franquista.

## — O REFORMISMO INTERNACIONAL

Grande satisfação reina nos meios ligados à social-democracia europeia, nos meios afectos à 2.ª Internacional Amarela e contra revolucionária. Os reformistas de toda a Europa enviaram telegramas ao seu homónimo Mário Soares, felicitando-o pela vitória do PS, pela vi-

tória do "socialismo em liberdade", pela vitória do pluripartidarismo.

Da Alemanha, da Escandinávia, da Holanda, vem o voto de louvor dos sociais-democratas, defensores da NATO, inventores de novas e subtis formas de dominação capitalista, mascaradas de "socialismo". "Socialismo em liberdade", liberdade para os exploradores, e para os explorados, liberdade para os fascistas e os democratas, liberdade para burgueses e para os proletários. E dizem-se estes homens marxistas! Essa é a liberdade para a burguesia continuar a dominar como até aqui, a deter nas suas mãos a produção, a ter o seu exército, a ter os seus jornais, as suas polícias, a estar sempre pronta a tomar formas repressivas, a massacrar trabalhadores, quando os seus avanços põem em risco os privilégios, a permitir o regresso do fascismo. E a história mostra-nos o longo rol de traições perpetradas por estes "socialistas". O assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht ilustra muito bem quem são estes sociais democratas.

## — O REVISIONISMO MOSCOVITA

A derrota do PCP tirou um fardo das costas da URSS. Era demasiado grave para o prestígio, que ainda goza junto das massas proletárias portuguesas o seu representante - o PCP - vir a ser o castrador do avanço das lutas populares, rumo à ditadura do proletariado e à construção do comunismo.

A URSS congratula-se com a vitória das "esquerdas" em Portugal e já traça linhas de acção para a colaboração entre os partidos, ou seja para a colaboração de classes.

Tudo está bem, quando acaba bem. Os revisionistas e os democratas burgueses dão as mãos e combinam novas formas de alianças, encaminhando este país para situações cada vez mais de impasse, que a mais curto ou a longo prazo, justificarão a intervenção do imperialismo.

## — A DEMOCRACIA CRISTÃ EUROPEIA

A União Europeia da Democracia Cristã, onde estão filiados os partidos fascistas CDS e PDC, une-se a esta "Santa Aliança", afirmando que "queremos incondicionalmente ajudar Portugal a encontrar o caminho do progresso económico e social, deixando bem livre o seu povo para expressar-se e escolher o regime que mais o favoreça".

Tantos amigos que tem agora Portugal e o seu povo! E nós perguntamos: Qual povo? Se são os explorados e oprimidos, esses já escolheram o regime: as greves, as

## O PRP-BR, as eleições e o 1.º de Maio

Os resultados destas eleições, defendidas pela burguesia e pelo imperialismo, são a concretização das análises feitas anteriormente pelo PRP-BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS e delas teremos que tirar conclusões de forma a tornar clara a perspectiva revolucionária e quem está ou não com ela.

Confirma-se que o poder não se toma por eleições e desmascararam-se os partidos que por oportunismo se envolveram no jogo eleitoral. Os resultados eleitorais permitem também que as posições se definam daqui para a frente em termos de classe numa forma radical.

O PRP-BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS não se envolveu no processo eleitoral por considerar que estas eleições são um acto contra-revolucionário, que constitui uma arma na mão do imperialismo. Por isso desde o primeiro momento travámos uma luta anti-eleitoral e por fim propusémos o voto em branco. O imperialismo jogou na vitória certa da social-democracia e na desmobilização do proletariado pelo eleitoralismo. Hoje como ontem dizemos que as eleições não têm nada a ver com a gravíssima situação económica e social portuguesa.

E criticamos as organizações da esquerda revolucionária, que não fizeram a análise da situação concreta e se envolveram no processo eleitoral, tomando o PC como o inimigo principal e atirando com votos para o PS por não apresentarem uma alternativa revolucionária.

Os resultados eleitorais só são uma surpresa para as bases partidárias que se deixavam iludir pelo jogo das cúpulas. E ainda hoje quando «democratas» de boa vontade dizem que ganhou o socialismo ou que o bloco socialismo-comunismo tem a maioria estão a procurar manter as ilusões e mascarar os problemas fundamentais. Das eleições resultou uma vitória estrondosa para a social-democracia. E daí tem que se tirar as consequências devidas para uma unidade revolucionária anti-capitalista e anti-imperialista. As eleições não são como se pretende a radiografia do país; mas terá que se explicar porque é que o partido Comunista perdeu nos grandes centros industriais de tradição comunista. A política de combate às lutas dos trabalhadores, e o controle repressivo por parte do PC, atirou com muitos operários para a direita, para o PS, à falta de lhes surgir claramente uma opção revolucionária. Daqui terão os militantes que tirar uma lição. E terá que se concluir que para o proletariado e para a Revolução Socialista em Portugal, o jogo eleitoral não compensa e o reformismo também não compensa.

A vitória eleitoral da social-democracia é, tal como dizíamos anteriormente, o grande pretexto para uma forte pressão ou mesmo uma intervenção imperialista que daqui em diante se vai escudar na «defesa da democracia» e da «vontade popular».

Escusam os oportunistas de procurar já formas de se identificar com o vencedor, dizendo que ele tem de cumprir o seu próprio programa («marxista», «socialista» e tudo o mais que as boas palavras prometem); a política social-democrata é o capitalismo mascarado de reformas, que nalguns aspectos é ilusoriamente colocado à esquerda, porque tudo em Portugal se coloca à esquerda de si próprio depois do 25 de Abril.

Por isso, porque estamos em presença duma forma de capitalismo, que determinará toda a estrutura económica, social e política portuguesa, os trabalhadores têm que definir claramente a sua luta contra a burguesia e os seus representantes, abandonando toda a espécie de alianças, nas quais o proletariado acaba sempre por ser atraído. Hoje a opção de classe tem de ser claramente definida.

Também os camaradas que têm uma posição revolucionária dentro do MFA têm que ser consequentes na sua opção. As eleições foram um ponto de honra para o MFA — aí as têm! Também daí terão que tirar conclusões sem mistificar, sem mascarar os resultados. E há que deixar de falar em Povo-MFA para passar a constituir uma unidade de trabalhadores e militares revolucionários, capaz de travar uma batalha interna e externa, política e militar, na defesa dos interesses dos explorados e na defesa da independência nacional.

E perca-se qualquer ilusão de que possa haver uma alteração radical das estruturas por parte de golpes ou habilidades de natureza política e militar. Só uma estrutura ampla de trabalhadores em armas poderá trazer a vitória.

É necessário formar Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros.

O PRP-BR que foi a primeira organização a propor o voto em branco reivindica parte destes votos que surgiram da parte daqueles que estão mais politizados. «São os votos dos hipersensibilizados» como reconheceu alguém do MFA.

E propõe que se construa a unidade revolucionária de base, passando por cima de partidarismos e sectarismos, tendo como objectivos: a reconstrução económica do país em Revolução Socialista; a independência nacional e a revolução cultural.

Aproximando-se o 1.º de MAIO o PRP-BR declara que não alinhará na manifestação «unitária» com o PS e o PPD. A burguesia que se une à burguesia e propõe que o proletariado se una ao proletariado, numa base unitária numa grande manifestação de unidade revolucionária.

Acabe-se com a política dos senhores políticos, marionetes pequeno-burguesas que pretendem representar os interesses dos trabalhadores.

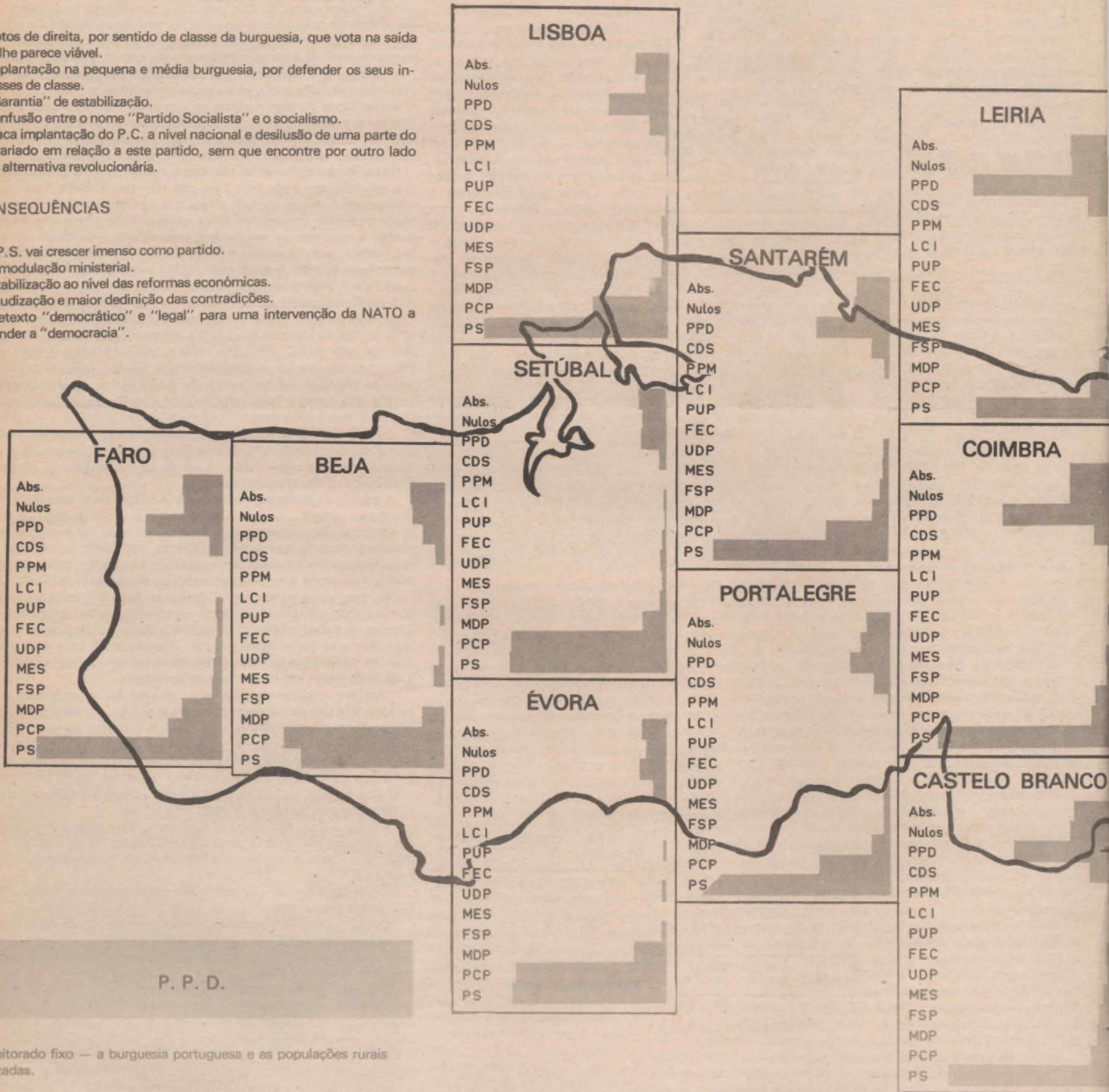
# AINDA AS ELEIÇÕES

## P. S. — A VITÓRIA

- Votos de direita, por sentido de classe da burguesia, que vota na saída que lhe parece viável.
- Implantação na pequena e média burguesia, por defender os seus interesses de classe.
- "Garantia" de estabilização.
- Confusão entre o nome "Partido Socialista" e o socialismo.
- Fraca implantação do P.C. a nível nacional e desilusão de uma parte do operariado em relação a este partido, sem que encontre por outro lado uma alternativa revolucionária.

### CONSEQUÊNCIAS

- O P.S. vai crescer imenso como partido.
- Remodulação ministerial.
- Estabilização ao nível das reformas económicas.
- Agudização e maior dedinação das contradições.
- Pretexto "democrático" e "legal" para uma intervenção da NATO a defender a "democracia".



• Eleitorado fixo — a burguesia portuguesa e as populações rurais atrasadas.

# ES:

## M. F. A. — A INDEFINIÇÃO

- Terão de reflectir sobre o total de votos que cada um teve, a pesar de todas as limitações. É que fazer o balanço se valeu a pena ou não molharem-se nas eleições.
- Durante a campanha eleitoral não vimos nem um cartaz da UDP, da FEC, do PUP ou da LCII Medindo-se com gigantes financeiros, dão lugar a que estes falem de "implantação".
- Mas os maoistas portugueses ( UDP, FEC, PUP ) embora com diferenças duns para os outros terão de reflectir o que o sectarismo não compensa. E que, combatendo o P.C. como o principal inimigo da revolução, trouxeram força ao P.S., que pouco combateram.

## P. C. — A DERROTA

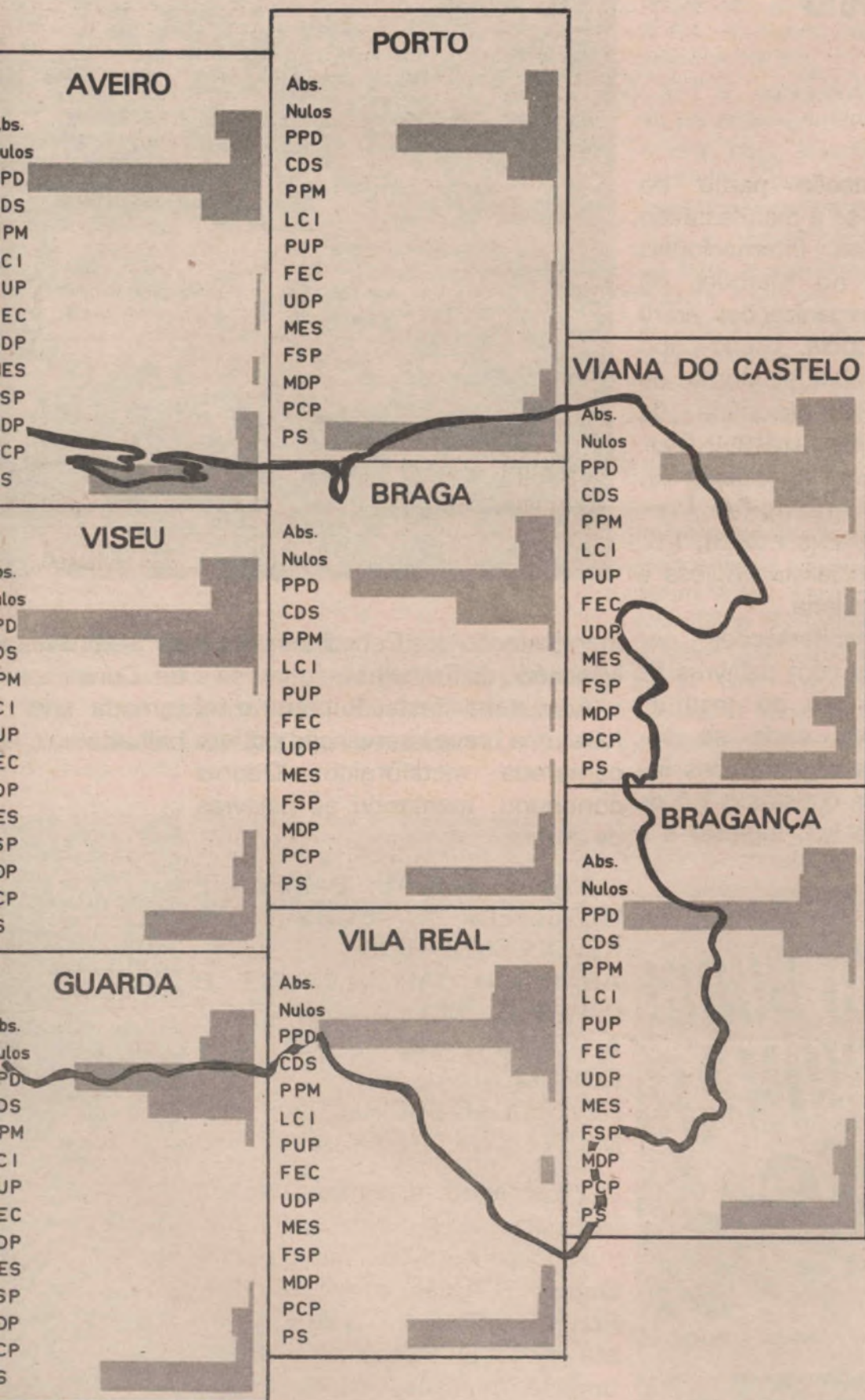
- O que o P.C. tem de explicar a si próprio não é a votação de Bragança ou da Guarda, é:
  - Os apenas 500 votos em Olhão.
  - Os 5% do Porto (nesta cidade não passa dum "grupúsculo" ...)
- A derrota na Marinha Grande, centro industrial de tradição comunista.
- A derrota na Amadora, centro industrial de tradição comunista.
- A derrota em Sacavém, centro industrial de tradição comunista.
- A derrota em Almada, centro industrial de tradição comunista.
- A difícil vitória no Barreiro, centro industrial de tradição comunista.
- O resultado final, apesar da propaganda esmagadora, apesar de ocupar o melhor espaço dos jornais diários, da rádio, da T.V., apesar de estar no Governo, apesar da Intersindical.

### CAUSAS

- O P.C. era um pequeno partido antes do 25 de Abril, com fraca implantação a nível nacional, o que nunca confessou.
- O P.C., infiltrando o aparelho de estado, tornou-se policial, arrogante e opressor em relação não à burguesia, mas aos militantes revolucionários e aos trabalhadores.
- O P.C. tomou conta dos órgãos de informação ditatorialmente. Esta causa e a anterior não podiam "encaixar" numa população que viveu 48 anos sob o fascismo.
- O P.C. desde o 25 de Abril está contra as lutas dos trabalhadores.

### CONSEQUÊNCIAS

- A cúpula do P.C. irá mais para a direita, conciliando-se com o P.S. e explicando que isto "tem que ir devagar".
- A base dividir-se-á entre a pequena burguesia que acompanhará a inclinação da cúpula e o operariado que irá para a esquerda, porque percebeu muita coisa.
- Muitos dos oportunistas passarão para o P.S., porque se sentem enganados.



## M. D. P. / C. D. E. — O GRANDE DERROTADO

- O MDP-CDE é um partido artificial.
- A manobra de captação da pequena burguesia para a roubar ao P.S. não resultou. O "folclore" não deu nada e as barricadas também não.
- O MDP-CDE teria menos votos se não tivesse privilegiado de estar no Governo há mês e meio.
- O MDP-CDE é um "grupúsculo" ... só que não é esquerdista, o que faz com que nem sequer tenha graça.

## C. D. S. — O FASCISMO

- Os votos do CDS representam a implantação possível do fascismo claramente definido.

## M. E. S. — O SENHOR 1%

- A constância de resultados em todos os distritos significa que a sua fraca implantação não está relacionada com as zonas serem operárias ou não — eles representam 1% da pequena burguesia intelectual de esquerda que há em todo o lado.

## VOTOS EM BRANCO

- Os votos brancos são dos "hiperpolitizados" como disse alguém do MFA.

## F. S. P., U. D. P., P. U. P., L. C. I.

- Os militares do MFA ficaram num impasse que terão que resolver, sem ambiguidades.

# 1º de MAIO

## A MANIFESTAÇÃO QUE A TELEVISÃO NÃO PASSOU

Às 14 horas da tarde via-se já no Parque Eduardo VII um grande estandarte pintado com figuras alusivas à organização dos trabalhadores, com operários, trabalhadores rurais, soldados e marinheiros, lendo-se CONSELHOS REVOLUCIONARIOS. Juntaram-se depois grupos com bandeiras vermelhas, dos Conselhos Revolucionários. Foram chegando em seguida manifestações do PRP-BR que convergiam de vários pontos da cidade, com bandeiras do nosso partido. Na manifestação viam-se também bandeiras da LCRP (aderentes da IV Internacional) e viam-se militantes do MES, da LUAR e do PCP, que estavam naturalmente a título individual.

Esta manifestação partiu do Parque e juntou-se à manifestação das organizações internacionais que esperavam no Marquês de Pombal. Estas organizações eram as Casas de Angola, Guiné-Cabo Verde e Moçambique, Junta de Coordenação Revolucionária da América Latina (MIR, TUPAMAROS e ELN boliviano), organizações brasileiras revolucionárias (MRB e PCBR), I.S. (Internacional Socialista) inglesa e Lotta Continua italiana.

As duas manifestações caminharam juntas com palavras de ordem comuns até ao Instituto Superior Técnico onde se separaram indo as organizações internacionais para o Estádio 1.º de Maio (excepto a I.S. inglesa) e a



manifestação dos Conselhos para o da Setenave, apel Ministério do Trabalho. de Conselhos Re

Aqui a manifestação parou e foi tomada do po feita uma breve intervenção por um balhadores e um s camarada metalúrgico. Depois continuou, mantendo as palavras de ordem:

**NAS FÁBRICAS, CAMPOS E QUARTEIS — CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS ABAIXO O CAPITALISMO E O IMPERIALISMO ABAIXO A SOCIAL-DEMOCRACIA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MORTE À NATO E À CIA**

E cantando numerosas vezes a internacional.

A manifestação percorreu a Duque D'Ávila, o Marquês de Pombal, o Rato, a Rua de S. Bento até chegar ao Palácio de S. Bento onde a multidão ocupou as escadarias sendo feitas intervenções a partir da base da escadaria.

Aí falaram Fernando de Almeida







ando à formação da necessidade de dissolver o exército revolucionário e à cito actual para o substituir por um exército pelos tra- exército revolucionário de soldados armado que falou e trabalhadores armados.

## UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

Começaram as aulas no dia 22 de Abril

### HORÁRIOS

UNDA — Gestão — 21.30 h.  
 A — Cinema — 21.30 h.  
 RTA — Sociologia — 21.30 h.  
 Violência — Processo Revolucionário — 22.30 h.  
 TA — Economia — 21.30 h.  
 A — História do Movimento Operário — 21 h.  
 Materialismo Dialéctico — 22.30 h.

gram brevemente:

cialismo.

mação e Comunicação Social: (Cinema, Jornalismo, Artes Plásticas, Fotografia, Estratégia Militar).

# A SOCIAL DEMOCRACIA NA RUA

Devido aos acontecimentos do 1.º de Maio, (diz o P.S.) manifestaram-se perto de 100.000 pessoas, simpatizantes e militantes do P.S., contra esses mesmos acontecimentos. Para nós, tudo isto não passa das lutazinhas partidárias de quem controla muito (P.C.) e quem quer passar a controlar (P.S.).

O P.S., agora com toda a força da sua vitória, entendesse que tem o aval para assumir o poder e controlar. Para isso manobra, e engana muitos. (Não é enganar quando não se consente no largo do Rato a aderência do P.P.D. e depois, em S. Bento, disfarçadamente se aceita?).

O P.S. é mais um partido a dizer-se da classe operária. No entanto quem os viu na rua (e quem conhece muitos deles!) sabe que era a pequena burguesia urbana a manifestar-se e a defender os seus interesses de classe. E gritavam furiosamente "Socialismo sim! Ditadura não!" Perguntamos: Terão eles medo da Ditadura do Proletariado? Qual o Socialismo que não passa pela Ditadura do Proletariado? O Social-Democratismo...?

Também vimos muitos operários, esses os enganados aos quais, devido à política simultaneamente reformista e repressiva do P.C. (muitas vezes o temos afirmado), outra alternativa se lhes não põe.

A política que a Intersindical tem praticado (ao travar as lutas dos trabalhadores em vez de as apoiar, ao controlar pela cúpula os sin-

dicatos, etc.) mais não levou do que os trabalhadores a afastarem-se. Surge nesta altura um partido (que ganha as eleições) que diz "Não é de Portugal a Intercunhal" e alguns trabalhadores que até não aceitam a Intersindical juntam-se-lhe, não conseguindo discernir o que é realmente este partido. Claro que a cúpula do P.S. está muito longe de muitas das suas bases (não de todas), e essa cúpula, mais uma vez o afirmamos, são agentes da social-democracia neste país.

Também no que diz respeito ao P.C. na sua política de conciliação de classes, no seu dirigismo, no seu controlo, não oferece alternativa à classe, embora também se diga "o partido dos trabalhadores".

É a grande burla! Nós, militantes revolucionários propomos que todos os revolucionários, independentemente dos partidos a que pertencem, se unam e se organizem. O grande confronto começou, e há que estar organizados para assim avançarmos e fazermos frente a todos estes joguinhos que nos dividem e que mais não visam do que controlar a classe operária e defender interesses que quase sempre não são os dela.

Para obstar a esta situação há que avançar na formação de Conselhos Revolucionários como única forma de organização de base da classe, Ultrapassando as divergências partidárias, frente às manobras da burguesia interna e externa e seus aliados.

## Os emblemas e o oportunismo

Começou na noite de 25... Os emblemas do PS começaram a florescer. E os do PC a desaparecer. E a partir daí é um fenómeno interessante que deveria refletir os políticos. Os emblemas do PS têm chovido, aparecem por todo o lado e de todos os feitios - encarnados, amarelos, cinzentos, quadrados, redondos. E os do PC recolheram a casa. Desapareceram. Só de quando em quando se vê um herói isolado portador do emblema.

Isto tem um nome: oportunismo. E os respectivos partidos deviam refletir sobre a história da "implantação", da "aderência", etc.

O poder atrai as moscas. Mas se não é um poder dos trabalhadores, repele os revolucionários.

# SOLDADOS: FORMAÇÃO DE CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

A função dos soldados e marinheiros sempre foi a de executar ordens dos oficiais, aos quais obedecemos quase cegamente, levando-nos por vezes a erros extremamente graves.

Os exemplos são muitos desde os mais insignificantes até aos de dimensão a nível nacional, caso da TAP, da LISNAVE, dos CTT, etc., em que viramos as armas contra os nossos camaradas de trabalho e que pderíamos ser nós. No entanto outra atitude tomaram os nossos camaradas do RAL 1, quando da manifestação do 7 de Fevereiro, organizada pelos operários, que pelo contrário, viraram as armas para o chão e gritaram VIVA A CLASSE OPERÁRIA.

No 11 de Março foram os camaradas paraquedistas que obedecendo cegamente a oficiais fascistas, foram enviados contra os

camara das do RAL 1, e só a intervenção dos trabalhadores dialogando com os paraquedistas impediram um confronto que teria sido sangrento tendo estes se apercebido que tinham sido enganados.

Concretamente, na nossa unidade muitas coisas estranhas se passaram sem que no entanto até hoje tenham sido esclarecidas. Mudaram-se os oficiais, mas a estrutura militar continuou, continuamos a ser esclarecidos do que se passa tanto na vida política como dentro do MFA.

Ora nós sabemos que embora muitos oficiais tenham sido presos e outros afastados, a verdade é que muitos oficiais fascistas continuam sob a capa de democratas e que no próximo golpe fascista se porão desse lado e não tenhamos dú vidas de que o

próximo seja como o do 11 de Março, pelo contrário será sangrento e decisivo, ou o fascismo ou a tomada do poder pela classe operária.

Por outro lado a actual situação do nosso país é deveras melindrosa para que não pensemos seriamente naquilo que estamos metidos.

Actualmente no nosso país várias forças políticas jogam com a classe operária, os soldados e os marinheiros. Dum lado a direita, do outro a esquerda.

A direita organiza-se e arma-se para tentar outro golpe mas sangrento, por outro lado a esquerda dispense as suas energias nas eleições que em nada alterará a actual situação, por outro mobiliza a classe operária para as eleições dividindo-a em lutas partidárias em vez de a mobilizar para a organização, beneficiando só a direita que com mais facilidade nos eliminará. Para agudizar esta situação os capitalistas provocam boicotes económicos, encerram fábricas, fogem com dinheiro para o estrangeiro, etc, para levarem este país ao caos que apenas a eles beneficia. O preço dos produtos alimentícios aumenta cons-

tantemente, as importações continuam, o que portanto equivale a dizer que sai dinheiro dos fundo das reservas em grandes quantidades. Esta reserva não durará sempre, prevendo-se apenas que chegue até ao fim do ano, e depois?

A burguesia e os oficiais não abdicam dos seus privilégios de classe e por isso organizam-se para dar o golpe fatal. A classe operária está extremamente dividida pelos interesses partidários portanto desorganizada.

É dentro deste conjunto que nós soldados, também estamos divididos e às ordens dos oficiais burgueses. A nós soldados exige-se-nos uma posição clara e objectiva ou continuamos a aceitar cegamente as ordens dos oficiais fascistas e dos burgueses, ou organizamo-nos para lhes fazer frente.

Para que não continuemos divididos, promovemos para discussão de todos os camaradas:

— Formação dum CONSELHO REVOLUCIONÁRIO, de praças idêntico aos dos nossos camaradas operários:

— Estarmos em ligação com os Conselhos Revolucionários dos Trabalhadores.

Estes Conselhos Revolucionários poderão ter como função, entre outras a definir em assembleia do Conselho Revolucionário:

- Análise da situação política, económica e militar;
- Informação e esclarecimento;
- Saneamentos;
- Tomar decisões juntamente com os Conselhos Revolucionários dos Trabalhadores.

Camaradas, é urgente que discutamos os Conselhos Revolucionários entre nós e vejamos formas concretas de como formá-los. Não há tempo a perder, ou nos organizamos juntamente com os trabalhadores, ou seremos esmagados pela burguesia e pelo imperialismo.

A luta dos revolucionários operários, soldados e marinheiros, é uma só - o assalto ao poder e implantar a vontade da classe operária.

Um abraço dos camaradas revolucionários.

## T. L. P.

### Quem está e quem não está com os trabalhadores

Em 12 de Abril, um grupo de trabalhadores dos TLP emitiu um comunicado, onde se denunciava a acção boicotadora das lutas autónomas da classe, por parte da Intersindical, e organizações políticas a ela afectas. Começam por historiar no seu comunicado, a necessidade que foi sentida pelos trabalhadores, que representasse e defendesse em conjunto as suas mais prementes reivindicações. Para isso, formou-se o grupo Pró-Comissão de Trabalhadores, que iria trabalhar no sentido de se criar uma Comissão, que representasse todos os sectores profissionais independente dos sindicatos e delegados sindicais, embora pudesse colaborar com eles.

Nesse sentido foi desenvolvida uma acção divulgadora, distribuindo-se comunicados convocando um plenário, em 12-3-75 para se proceder à eleição dessa Comissão de Trabalhadores.

Nesse plenário, registaram-se tentativas de desmobilização por parte de representantes da Intersindical TLP e elementos partidários seus adeptos. Essas tentativas foram desmascaradas no próprio plenário, tendo a Assembleia reconhecido o grupo comissão.

Convocou-se novo plenário, para 10 de Abril, o que desencadeou novas tentativas de boicote e ingerência no funcionamento da Comissão de Trabalhadores, apesar de se ter demarcado que esta seria independente dos sindicatos. Pois

foram as direcções desses sindicatos, formadas por elementos estranhos aos TLP, que desta vez tentaram travar o processo.

Pouco antes do novo plenário, os senhores da Intersindical mudaram de método e propuseram a inclusão no grupo pró-comissão, de um elemento, o que suscitou uma recusa, pois essa inclusão só poderia ser decidida em plenário.

Novas provocações surgiram no plenário de 10 de Abril, em que os elementos pró-Intersindical desenvolveram toda uma acção tendente a boicotar a reunião, desde as formas legalistas mais ou menos conhecidas e estafadas, de intervenções longas e avalanches de propostas caídas sobre a mesa, até ao confronto físico.

A tática já bastante conhecida de outras assembleias e reuniões sindicais, deu o resultado previsto: prolongamento do plenário até altas horas, e abandono do plenário, por parte dos trabalhadores, que não estavam dispostos a perder a noite no Pavilhão dos Desportos.

O grupo Pró-Comissão de Trabalhadores termina o comunicado apelando aos seus camaradas que continuem na luta pela eleição de uma Comissão, que deve ser formada pelos elementos mais combativos e da inteira confiança da classe e não um órgão imposto pelas direcções sindicais.

E adverte os trabalhadores, para identificarem quem defende os seus interesses e quem não os defende.

## HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

Com o processo revolucionário desencadeado em 25 de Abril, temos a possibilidade de nos organizarmos nos quartéis, nas fábricas, nas oficinas, nos campos, em todos os locais de trabalho.

Também nós temos que nos organizar para discutir os nossos problemas. Apesar de soldados, não deixamos de ser trabalhadores fardados. E também aqui nós sentimos na carne a exploração que a burguesia exerce sobre nós.

E a prova disso é que dantes, tínhamos em Portugal milhares de fascistas que conhecíamos muito bem. Hoje eles dizem-se todos "democratas".

Não podemos ter ilusões. Não podemos deixar-nos enganar. Vejamos: o que mudou para nós, soldados, aqui no HMP e anexo? — Não vivemos em casernas que mais parecem pocilgas, onde os ratos passeiam e o lixo se amontoa?

— Dizem que a comida é a mesma dos oficiais e sargentos, mas não é verdade que as condições são muito diferentes?

Para conseguir acabar com a onda de injustiças acima relacionadas e como forma concreta de participação no processo revolucionário em curso, propomos a todos os camaradas soldados do H.M.P., anexo e H.M.D.I.C. o seguinte:

- a) Que em cada serviço seja eleito um delegado (a todo o momento substituível).
- b) Que a nível de todos os camaradas de cada serviço:
  - se discuta a missão do delegado;
  - se critique este panfleto.

— Não são por acaso fascistas o Tenente Bocas e outros oficiais e sargentos?

— Será que nós, soldados, temos as mesmas regalias dos oficiais e sargentos?

— É ou não é verdade que nós continuamos a ter um pris e sargentos?


— É ou não é verdade que nós continuamos a ter um pré-miserável e vergonhoso (250\$00 e 400\$00... e com descontos ainda por cima! E ainda temos que pagar as viagens que fazemos!)?

Em frente pela assembleia geral de soldados!

UNIDOS E ORGANIZADOS venceremos.

Um grupo de soldados do HMP e Anexo

LÊ, ASSINA  
E DIVULGA  
REVOLUÇÃO



# SU-E-SI-ASIATICO

## VIETNAM

### UM EXEMPLO

Mais de 30 anos de luta pela sua libertação do jugo colonialista e imperialista, numa lista infindável de mortos sem distinção de sexos ou idade, a resistência perante os maiores baluartes político-militares do imperialismo, a sobrevivência às terríveis condições de vida a que ficou sujeito o país desmantelado pelas bombas e canhões "made in" eis as factas que todos os meios de comunicação atestam, eis o conteúdo de quantas discussões ou simples conversas que facem referência à Indochina. Assim se reduz a espectáculo de patético heroísmo a história das últimas décadas de um remoto país, o VIETNAM e de toda uma península, a Indochina.

Mas porque consideramos pobre e ridículo tal retrato, pensamos ser a altura de relembrar aquilo que de realmente positivo e até por vezes inovador aconteceu nestas três décadas e meia de luta do povo vietnamita pela sua libertação.

#### O VIETNAM NO CONTEXTO INTERNACIONAL

O primeiro apontamento que se nos oferece fazer, diz respeito à duração da luta e à maneira como durante todo este período as situações de crise ou de desafogo do capitalismo à escala mundial, se refletiram no Vietnam. Efectivamente, a luta começa por ser de libertação do jugo colonial francês durante a crise do capitalismo a que correspondeu a 2.ª Grande Guerra Mundial. Aproveitando a caótica situação da França, o Japão substituiu-a temporariamente até que a mesma França recupere o Vietnam como colónia.

A verdade é que o povo vietnamita havia dado significativos passos na sua organização político-militar durante os anos que antecederam a sua recuperação pela França. A reentrada desta, tendo em conta os seus próprios pro-

blemas internos estava então condenada ao fracasso. Só que o capitalismo acaba de sair de uma crise, entrava mesmo num novo período de prosperidade, e o avanço da luta viu-se inevitavelmente retardado pelo retempero de forças do lado inimigo.

Vitoriosos incólumes da 2.ª Grande Guerra e ocupando decisivamente a testa do mundo capitalista, os E.U.A. aparecem em cena num período que terá sido o mais difícil dado o refluxo, a nível internacional, da luta anti-capitalista e anti-imperialista. Washington pode assim assegurar a sobrevivência da metade capitalista do Vietnam, fazendo de Saigão uma sucursal sua. Mas a artificialidade da sustentação de Saigão começa a aparecer a nú com a reentrada em crise do capitalismo à escala mundial.

O Vietnam foi então teatro do reacender da luta na caminhada que haveria de ser irreversível para a conquista da sua

Continua pág. 12



# CAMBOJA

## A LIBERTAÇÃO

Portugal foi um dos primeiros países a reconhecer o Governo Real de União Nacional Khmer, que após uma demorada resistência à agressão dos E.U.A., conseguiu obter a independência do Camboja, país de há longos anos dominado pelo colonialismo e neo-colonialismo de franceses e norte-americanos.

A longa guerra travada pelos povos da Indochina, contra a agressão imperialista, teve o seu termo no Camboja. O Viet Nam está prestes a alcançar a sua independência efectiva e o avanço do Pathet Lao, no Laos é de molde a pensarmos que a libertação da Indochina é quase um facto consumado.

Para a compreensão da resistência cambojana à agressão imperialista, temos de historiar o que foi o Camboja, após a expulsão dos ocupantes japoneses, no fim da segunda guerra mundial, e a instauração do neo-colonialismo francês.

O Camboja pertenceu ao império colonial francês, que lhe outorgou o estatuto de protectorado mantendo, uma corte, formada por príncipes indígenas, dóceis à influência francesa. Após o fim da guerra, a França integrou o Camboja na chamada União Francesa - formada por estados

"associados" governados por uma aristocracia subordinada aos interesses coloniais europeus.

Em 1954, na Conferência de Genebra era proclamada a independência da Indochina Francesa tornando-se o Camboja um país independente.

A neutralidade cambojana, ratificada na Conferência de Genebra, levou a burguesia nacional anti-imperialista, a tomar os destinos do país. O representante dessa burguesia nacional, patriótica e anti-imperialista foi o príncipe Sianuk que, quer pela negociação quer pelo confronto directo se opôs à influência neo-colonial das grandes potências.

Sianuk subiu ao trono em 1941. Em 1947 outorgou uma Constituição e uma Assembleia eleitoral ao Camboja. Em 1955 abdicou a favor de seus pais e fundou o partido Sangkum (comunidade Socialista Popular), que conquistou a maioria na Assembleia, transformando o Camboja numa Monarquia Constitucional. Após a morte dos reis, Sianuk tornou-se chefe de estado do Camboja recusando-se a ser rei.

Em 1954, o governo do Camboja coloca-se ao lado das forças do Vietminh, que lutava pela independência do Viet Nam, co-

dendo-lhe bases no território cambojano. Esta atitude leva à intervenção das potências imperialistas, sendo o Camboja invadido pelos EUA e Vietnam do Sul. Já em 1963 Sianuk tinha recusado o "auxílio económico" dos EUA cortando relações com este país em 1965. A intervenção dos E.U.A., faz com que a guerrilha de libertação comunista "Khmers Vermelhos" se unissem às forças pró-Sianuk para a resistência patriótica contra o invasor imperialista. Em 1970, dá-se um golpe de estado dos sectores manobrados pelo imperialismo Yankee, estabelecendo-se o regime fascista do Marechal Lon Nol, que proclamou a República Khmer.

Sianuk refugiou-se na República Popular da China, constituindo um governo no exílio - G.R.U.N.K. (governo Real de União Nacional Khmer). Entretanto intensificava-se a resistência interna das forças coligadas de comunistas e nacionalistas, que veio a culminar com a queda de Phnom Penh, a fuga de Lon Nol, e o regresso ao poder do príncipe Sianuk.

1975 é o ano da independência dos povos da Indochina, envolvidos há longos anos nas lutas contra o imperialismo e seus lacaios.





# SU-E-S-LE-AS-IA-TICO

## VIETNAM

### UM EXEMPLO

libertação, e nem o empenho dos "yankees" evitaria à vitória comunista antes mesmo que esta crise do capitalismo atingisse o auge. A luta durara de uma crise à outra, deixando de permear um período sem significativos recuos. Entretanto, ao mesmo tempo que era espelho da situação internacional, o Vietnam não foi tão só fruto natural do processo histórico, foi também factor de monta no acelerar desse mesmo processo, foi sujeito activo na agudização das contradições do capitalismo e no aproveitamento dessas mesmas contradições.

#### O PARTIDO FORJADO NA LUTA

De entre os factos a salientar na luta do Vietnam está o modo como se processou o aparecimento e o desenvolvimento dessa mesma luta. E mesmo tendo em consideração as enormes diferenças que separam a realidade objectiva vietnamita de então (e de hoje) e a realidade que hoje vivemos em Portugal, não deixa de ser elucidativo o facto de Ho Chi Minh se ter decidido pela resistência armada muito antes da existência daquilo a que costumamos ouvir chamar de "o verdadeiro partido dos trabalhadores".

Ho Chi Minh percebeu que "verdadeiro partido" se forja na luta e que esta, em vez de ser factor de desmobilização é, ao contrário, o factor vital na construção da organização revolucionária. E na luta que se criam e se formam os militantes revolucionários; é no marasmo que se criam formam os burocratas e os falsos revolucionários. A desorganização que advém da luta e da sua evolução é uma desorganização

necessária e saudável na medida em que corresponde a uma evolução (quantas vezes aos saltos) da organização no sentido de acompanhar a evolução da situação que a actuação dessa mesma organização determina.

Não esperaram os vietnamitas pela formação do seu partido para desencadear a luta. Não esperaram os vietnamitas o seu partido para se lançarem na batalha, no campo militar. Não esperaram os vietnamitas pela formação do seu exército revolucionário para pegar em armas. Foi na luta político-militar que se forjou o partido. Foi na luta político-militar que se formou o exército revolucionário.

Os Giaps não estudaram em Academias Militares. E talvez isso tenha facilitado a derrota dos académicos Westemorlands...

#### NEM REFORMISMO, NEM ESQUERDISMO

Foi, contudo, sem sentido tático que o povo vietnamita se libertou. A alteração de posições de natureza tática foi fenómeno a que se assistia frequentemente, no espaço de poucas horas. Não nos importa, no entanto, a referência a questões que possam parecer de pormenor.

Queremos apenas ilustrar tal sentido tático com dois acontecimentos que foram alvo das atenções de todo o mundo: o acordo de divisão do Vietnam em dois (Norte e Sul) e, por último, o acordo para uma solução do conflito por uma via que se pretendia não violenta.

Qualquer destes acordos (com implicações a nível estratégico) se prestou às mais variadas especulações. Qualquer destes acordos foi motivo do reacender

dos lampejos reformistas e da cega crítica esquerdista. Só que para a infelicidade de reformistas e esquerdistas o povo vietnamita sabia as linhas com que se cosia. Sabia que há momentos de franca ofensiva, sabia que há momentos de defensiva e sabia que há momentos de preparação da ofensiva. Ora os casos apontados não foram mais do que, primeiro, o momento de defensiva, e segundo, o momento de preparação da ofensiva.

Nunca, porém, o povo vietnamita deixou de pensar que a via teria de ser forçosamente violenta. Nem tão pouco abandonou o esforço de análise da situação, das suas forças e das forças inimigas. E se recuos houve, eles foram imposição da situação, nunca abdicção dos objectivos fundamentais.



#### A OFENSIVA EM VEZ DA CAPITULAÇÃO

Táctica foi a condução da luta nos momentos de negociação. Esse era o momento da ofensiva. Invariavelmente as negociações eram precedidas dum a ofensiva no sentido de colocar o inimigo em situação desvantajosa. E isto vem a propósito dum país numa dada situação que é o Portugal de hoje onde, ao contrário do que no Vietnam sempre se fez, se recua perante a ameaça inimiga. Enquanto que no Vietnam se praticou uma política revolucionária de impor condições, aqui pratica-se uma política de joelhos por terra, baixando a cabeça cada vez que o carrasco levanta o machado.

Inumeras foram as ameaças que o imperialismo norte-americano fez pesar sobre o Vietnam. A resposta era infalivelmente a resistência por todos os meios, nunca a abdicção.

E (quem o duvida?) foi a resposta decidida e pronta, a resistência pela força em momentos tão drásticos como aqueles em que os americanos bombardeavam osten-

sivamente os diques do Norte e a própria capital (Hanoi) que, colocando Washington perante a certeza da resistência inabalável, evitou que a energia atómica fosse utilizada em lugar do Napalm e do TNT. De facto, nada há de mais eficaz contra o raciocínio frio e cruel dos Kissingers do que o calor da resistência a todo o preço.

A resposta às ameaças concretizadas foi o único meio de evitar a concretização das últimas ameaças. Que isto sirva de lição aos respeitáveis (iamos dizer medrosos) que recuam perante a NATO.

#### INTERESSE NACIONAL — INTERESSE DE CLASSE

Outro dos aspectos a salientar é o facto de nunca, em momento

algum o povo vietnamita ter, a pretexto do "interesse nacional", ter praticado uma política de colaboração de classes. E se atentarmos no aspecto económico comparando o Chile de Allende com o Vietnam, o que verificamos? Simplesmente isto: enquanto que no Chile se apelava pateticamente para a "grande batalha da produção" (lembramos que o Chile era ainda capitalista), no Vietnam tal palavra de ordem só era aplicada às zonas libertadas. Nas zonas onde o dominava o capitalismo, não se apelava à produção, SABOTAVASE A PRODUÇÃO. O "interesse nacional" sempre teve no Vietnam, um cariz de classe.

Ora é extremamente importante que o paralelo seja extensivo a Portugal. É que aqui, continuamos em capitalismo, também se apela, à semelhança do Chile e à semelhança do Vietnam, à produção...

#### UMA LUTA INTERNACIONALISTA

Uma das facetas mais salientes da luta do povo vietnamita foi o seu carácter internacionalista. Ho Chi Minh, ao dissecar a coincidência dos interesses profundos entre o

povo colonizado e os trabalhadores do povo colonizador, dava o pontapé de saída para aquilo que havia de ser característica permanente da luta no Vietnam: o seu carácter internacionalista.

Inúmeros são os acontecimentos que atestam esta tão importante faceta. O próprio Che Guevara iria encontrar no Vietnam fonte de motivação para a luta que travou na América Latina. E se atentarmos nas manifestações que o Vietnam suscitou em quase todas as capitais da Europa, nas manifestações que varriam os Continentes americano e asiático, nas referências constantemente feitas nos círculos políticos de todo o mundo, nas reacções verificadas em todo o mundo sempre que algo de especial acontecia no Vietnam, no permanente trabalho que os vietnamitas faziam por todo o lado, fácil nos é apercebermo-nos quão importante foi a dimensão internacional da luta travada no Vietnam.

De referir, com especial destaque, a maneira como a luta do povo vietnamita transbordou ao Camboja, ao Laos e à Tailândia permitindo-se os respectivos povos uma colaboração internacionalista que arrastou o imperialismo americano ao seu maior lodaçal onde se finalizam os passos que constituem já a sua maior derrota. A Indochina pode muito bem ter sido o princípio da DERROCADA FINAL do capitalismo.

Cabe-nos apenas uma referência, ainda que breve, ao internacionalismo soviético e chinês para com os povos da Indochina. No Vietnam e no Camboja se terá passado aquilo que nem uns nem outros sempre desejaram. O auxílio quantas vezes reticente e condicionado, quando não foi mesmo negado (caso da URSS face ao Camboja), terá sido factor de deixar a nú o pouco de proletário que têm certas formas de internacionalismo. As declarações recentemente difundidas em Phnong Pen a propósito do 1.º de Maio e condenando TODOS OS IMPERIALISMOS E NEO-IMPERIALISMOS não serão fruto de pura divulgação, antes o sumo de uma luta concreta de carácter anti-capitalista.

A Indochina, zona de "pés descalços" segundo expressão corrente na Europa "avançada" teatro de guerra durante mais de 3 décadas e acarretando a derrota dos mais fortes bastiões do imperialismo é bem o exemplo de como só com a violência revolucionária se pode bater a violência reaccionária.

O contrário chama-se Chile e apelida-se pateticamente de TRAGÉDIA...



# COLÓNIAS

## O QUE SE PASSA EM TIMOR?

A entrevista que se segue concedida a este jornal pela "Casa de Timor" é referente aos graves acontecimentos que se estão passando em Timor e à posição ambigua do governo português.

**REVOLUÇÃO:** A posição do governo português desde o 25 de Abril em relação à conjuntura de Timor tem si do totalmente irreal havendo mesmo uma camuflagem juntamente com os países dos arredores, lacaios do imperialismo, visando os seus interesses, mas nunca os interesses do povo de Timor. O que nos podem dizer os camaradas acerca deste assunto?

**RESPOSTA—** Elementos do governo provisório e do governo de Timor têm desenvolvido contactos com individualidades indonésias e australianas respeitantes a Timor; ora nós perguntamos porque é que não estavam presentes elementos dos partidos de Timor, de maior representatividade: FRETILIN e a U.D.T. nas mesmas conversações, como os únicos interlocutores válidos? Porque é que numa programação da RTP sobre descolonização em que estavam presentes o Ministro Melo Antunes, o Almirante Rosa Coutinho e o General Carlos Fabião tendo como moderador o sr. Letria não se abordou o problema de Timor? A conjuntura internacional que rodeia Timor, a situação neo-colonial e independência fantoche controlada pelo imperialismo que poderão advir (como no caso de S. Tomé), a

existência ainda do cargo de cariz colonial, do governador, que também o general Fabião repudiou antes da sua partida para a Guiné-Bissau, no período anterior à independência de um país, como também frisa o almirante Rosa Coutinho, por que não se há-de falar de Timor a única colónia portuguesa ainda sem critério e processo de descolonização claramente definidos e encetados.

**REVOLUÇÃO:** Segundo parece, há partidos em Timor que são a favor duma ligação com a Indonésia.

**RESPOSTA—** Sim, a APODETI, que deseja uma ligação com a Indonésia pois não são mais do que meia dúzia de lacaios que estão às ordens do imperialismo em ligação com a Indonésia que tem uma ditadura militar altamente fascista comandada por generais, tendo actualmente este regime fascista 300 mil presos políticos. A U.D.T. é um movimento onde há duas facções: há uma ala progressista e uma outra que se vai adequando às circunstâncias sendo estes elementos últimos os que estão à cabeça da U.D.T. ou seja a cúpula.

Estes senhores têm grandes roças e alguns elementos pertenciam à antiga ANP tendo alguns dirigentes mesmo afirmado à imprensa em Djakarta que o objectivo principal da U.D.T. era a luta contra o comunismo louvando também "a luta do general Spínola contra os extremistas de esquerda", declarando também que estariam dispostos a colaborar com a APODETI na luta contra a infiltração comunista."

A FRETILIN que tem como objectivo a libertação do povo de Timor-Leste do colonialismo e neocolonialismo, pelo caminho do progresso da paz e da liberdade, defendendo prioritariamente:



- 1) uma agricultura ao serviço do povo.
- 2) A cultura do povo de Timor.
- 3) Um ensino ao serviço do povo.
- 4) Uma saúde ao serviço do povo.

Sendo contra a ligação à Indonésia ou qualquer ligação a qualquer potência estrangeira, defendendo também uma política de boa vizinhança e não ingerência e cooperação com todos os países do MUNDO.

**REVOLUÇÃO:** Segundo tivemos conhecimento foram presos alguns elementos da FRETILIN na Indonésia e que a Indonésia está também violando a correspondência que vem de Timor mais precisamente da FRETILIN.

**RESPOSTA—** No que respeita a elementos que foram presos da FRETILIN é verdade pois que na Indonésia há um controle muito grande de todos os elementos progressistas de Timor neste caso, também respeitante à violação de

correio, nós aqui na Casa de Timor só recebemos a correspondência passados 6 meses e quando a recebemos é já totalmente violada como seja cartas totalmente abertas, rasgadas, linhas cortadas e sabemos também que há 600kg de correio na Indonésia. Perguntamos mesmo, se o governo português não tem culpa também nisso, pois se até fazem todos os contactos com elementos do governo de Timor e Indonésia nas costas dos verdadeiros representantes do povo de Timor, sem pelo menos que seajpublicado oficialmente o teor

a ser verdadeiramente independente livre e próspero.

**REVOLUÇÃO:** Quanto aos boatos da Indonésia ter querido ou querer invadir Timor, o que os camaradas acham de todas estas notícias?

**RESPOSTA—** Pois como já dissemos a Indonésia (lacaios do imperialismo) quer subjugar o povo de Timor Leste, por isso tem desenvolvido toda uma campanha de terror, para dividir o povo de

das conversações. Nós perguntamos que conversações foram essas.

**REVOLUÇÃO:** Sabemos que a FRETILIN lançou comités de bairro, campanhas de alfabetização sanitária, cooperativas de consumo etc.

**RESPOSTA—** Pois evidentemente que o povo de Timor devido a coisas específicas como por exemplo a 2.ª guerra mundial em que os imperialistas se serviram grandemente de Timor, no palco da guerra, ele está atemorizado ainda porque tem sofrido muito durante estes quatro séculos de colonialismo português. Também através de intrigas e promessas o inimigo soube muito bem dividir-nos para mais facilmente dominar por isso nós lançamos este trabalho concreto de base para todo o povo ingressar nele e unir-se para assim ter força, para combater o colonialismo e o neo-colonialismo e assim poder vir

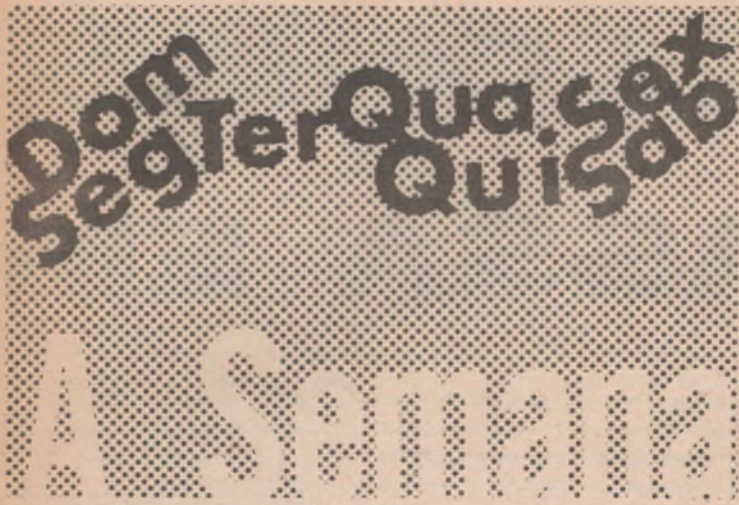
Timor, dizendo que a FRETILIN é comunista. Ora nós não somos um movimento comunista como eles querem dar a entender, mas sim uma Frente Revolucionária de Timor Leste, que reúne todas as forças nacionalistas e anti-colonialistas que têm um objectivo comum: a libertação do povo de Timor do jugo colonialista e neo-colonialista.

**REVOLUÇÃO:** Perante a posição ambigua do governo português desejam focar alguma coisa mais?

**RESPOSTA—** Queremos portanto repudiar todos os entraves que se levantam ao futuro de Timor e particularmente manifestar o nosso completo desagrado para com a RTP pela forma nula como trata o povo de Timor. O destino do povo de Timor, é só aos seus legítimos representantes que compete traçá-lo; e nada poderá impedir os verdadeiros anseios de um povo que não a liberdade e a independência nacional.



O mapa mostra a posição da ilha de Timor junto as antigas Índias Holandesas



**QUARTA-FEIRA, DIA 23**

Em declarações prestadas ao jornal «O Globo», Spínola afirmou que o relatório do 11 de Março era «um modelo de falsidade».

**QUINTA-FEIRA, DIA 24**

No discurso que Costa Gomes fez ao País na véspera das eleições, o Presidente da República afirmou a determinado passo: «Eu acredito no progressismo empírico do povo que somos. Escolheremos entre os partidos autênticos aqueles que não bairam a via socialista e que nos prometeram o pluralismo essencial ao exercício da liberdade.»

Em Lagoaça, perto de Freixo de Espada à Cinta, foram encontradas num fundo dum poço 17 granadas ofensivas e explosivas, as quais foram descobertas por camponeses no passado dia 21. Porém, só passados 3 dias é que uma equipa de especialistas em minas e armadilhas do Batalhão de Comandos de Lamego as retirou do referido poço.

Pergunta-se: quem lá terá deixado as granadas?...

O chefe do Estado-Maior do Exército, Carlos Fabião, em entrevista ao jornal «A Capital» entregou rapidamente a uma situação de derrota a função dos comandos:

«Os comandos têm o culto do colectivo e aqui reside, em parte, a sua força. Dada a nossa situação geopolítica e os perigos constantes que daí nos advêm, pensamos que hoje e até que haja potências com tendências imperialistas no mundo, o papel dos comandos é muito importante para a manutenção da independência nacional. Não pensamos fazer mais guerras, mas isso não quer dizer que nos desarmemos ou afrouxemos a vigilância.

Aos comandos competirão, pois, todas as missões de que estão incumbidas as restantes forças militares, acrescidas daquelas que, pelos seus riscos e perícia de que se revestem, exijam o emprego de forças especiais.»

Mais adiante referiu-se às eleições para os lugares de chefia e comando, tendo afirmado:

«Pensamos, porém, que a escolha deverá resultar do consenso revolucionário e nunca de eleições cujos resultados poderão ser aleatórios. Temos amargas experiências do sistema e a revolução é algo de muito precioso para a comprometermos repetindo erros.»

**SEXTA-FEIRA, DIA 25**

Realizam-se as eleições para a Assembleia Constituinte, com uma participação que ultrapassa 90% do eleitorado.

Otelo Saraiva de Carvalho deslocou-se na tarde do 25 de Abril à Gulbenkian, onde foi assaltado pelos jornalistas. Transcrevemos algumas das suas importantes declarações; referentes à hipótese de Spínola voltar ao Poder:

«Sei que ele esteve em Paris e em Bruxelas, aqui há uns dias. Portanto, deve ter vindo efectuar alguns contactos e estou convencido que, apesar dos seus 65 anos, já feitos em 11 do corrente, o ex-general Spínola é homem para continuar a tentar a tomada do poder. Porque é extremamente ambicioso e não se entrega rapidamente a uma situação de derrota.»

A propósito da recente manifestação junto ao Palácio de Belém, dos «pais dos anti-fascistas presos» o Comandante-Adjunto do Copcon afirmou:

«Os papás não tinham razão! Foram publicadas leis e os próprios advogados dos antifascistas (o dr. Romeu Francês, o dr. Jorge Faigundes) não têm, neste caso, qualquer espécie de razão. Tudo o que afirmaram publicamente é inteiramente falso. É inteiramente falso que eles tenham sido presos

em situações ilegais. É verdade, e não tenho dúvida alguma em o reconhecer, que houve detenções efectuadas por partidos opostos ao MRPP caso do PCP, que deteve elementos do MRPP acusando-os de colocarem cartazes sobre os do seu partido e os entregou à Polícia de Segurança Pública.

A PSP aceitou as detenções, dado que havia pouco esclarecimento, mas depois de uma reunião que tive com o comandante-geral das forças de segurança e com todas as unidades do país, isso ficou completamente esclarecido, e mais nenhum caso aconteceu. Inclusivamente, mandei libertar todos os elementos do MRPP que haviam sido detidos nessas condições.

Quando às queixas sobre o mau estado das prisões onde os militantes do MRPP se encontram presos remeto-as para o dr. Salgado Zenha que, como ministro da Justiça, poderá interessar-se pelo estado das prisões em Portugal»

É, de facto, particularmente grave toda uma série de atitudes policiais-pidescas que têm tido alguns elementos do PCP como, de resto, reconhece o Brigadeiro Saraiva de Carvalho.

Que aconteceria, por exemplo, se os militantes do MRPP aprisionassem os membros do PCP que fossem encontrados a rasgar cartazes do MRPP?

Amaldo de Matos, secretário-geral do MRPP, foi detido numa operação «stop» efectuada por forças militares do B.C. 3 de Bragança, as quais, no automóvel interceptado, encontraram, além de propaganda política, uma pistola «Walter 7,65,» bem como cartas topográficas militares, distribuídas à Junta Autónoma de Estradas.

Entretanto, o MRPP realizava em Lisboa uma manifestação «pelo boicote activo à farsa eleitoral» e «por um Governo Popular» contra «a ditadura militar».

Será que o MRPP pensa boicotar acivamente as eleições promovendo manifestações?!

**SÁBADO, DIA 26**

A embaixada portuguesa em Brasília protestou junto do Governo Brasileiro, pelo facto de Spínola haver prestado declarações, ao jornal «O Globo», as quais foram consideradas nos meios diplomáticos como uma quebra das normas do asilo político.

Em entrevista publicada pelo Jornal argelino «El Mudjahid», o

Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho acusou o ex-general Spínola de ter sido o instigador do assassinio de Amílcar Cabral.

O «Diário de Notícias» transcreve parte duma entrevista dada por Frestas do Amaral, dirigente do partido fascista do CDS, à revista italiana «Panorama» de 3 do corrente.

Ao ser interrogado sobre as torturas da PIDE, o recém eleito deputado por Lisboa à Assembleia Constituinte afirmou que as condenava, mas «limitaram-se apenas a alguns obstinados».

Sem dúvida que Freitas do Amaral, braço direito de Marcelo Caetano, as não sofreu...

**DOMINGO, DIA 27**

Amaro de Costa, secretário-geral do CDS, comentou deste modo as eleições do 25 de Abril:

«A direita não votou no CDS. Primeiro, porque o CDS nunca fez campanha anticomunista e em segundo lugar porque como tem sido vítima de violência em todo o País não dá a sensação de força que a direita exige. Assim, a direita votou por razões tácticas no PPD, no PS e noutros partidos. Um partido centrista nunca capta votos da direita. Aliás hoje não há partidos de direita em Portugal»

Se estas declarações têm algo de cómico («A direita não votou no CDS»), não é menos verdade que têm também muito de verdadeiro, pois ninguém duvida que boa parte dos votos do PS e do PPD vêm de franjas sociais marcadamente reaccionárias.

Esperemos que futuras sondagens e inquéritos feitos com seriedade e rigor sociológico venham confirmar esta ideia.

Numa gravura publicada pelo «Diário Notícias» na pág. 8, três colunas, a legenda citava Manuel Alegria como presidindo à Conferência de Imprensa a que aludia a referida gravura.

Porém, o gabinete de imprensa do PPD esclareceu que se tratava não de Manuel Alegre mas de Rui Machete, e que o primeiro «DEIXOU HÁ SEIS MESES DE EXERCER O CARGO DE SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO DO NOSSO PARTIDO; ESTANDO A SUA SITUAÇÃO PENDENTE DA CONCLUSÃO DO INQUÉRITO DISCIPLINAR EM CURSO».

Terá este inquérito disciplinar alguma coisa a ver com a tão falada saída de Manuel Alegria do País, ou será que se trata apenas de boatos?

Já agora era bom que o PPD esclarecesse até ao fim, isto para bem do socialismo em liberdade pelo qual afirma querer lutar.

O número de eleitores que votaram pelo PCP ultrapassa já 700 000, o que, se corresponde apenas a pouco mais de 12% DA TOTALIDADE DO ELEITORADO; REPRESENTARIA MUITO SE SE TRATASSEM DE 700 000 militantes revolucionários...

**SEGUNDA-FEIRA, DIA 28**

Terminada que foi a suspensão das suas actividades políticas, a AOC anuncia que vai requerer a assinatura do pacto com o MFA! Serão necessários alguns comentários?

**TERÇA-FEIRA, DIA 29**

Na Conferência de Imprensa dada pelo Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, este afirmou a dado passo, referindo-se às ocupações de casas e às comissões de moradores:

«As comissões de moradores que têm fomentado a ocupação de casas representam pequenas células do povo português a viver intensamente a sua revolução. Eu dou, portanto, o meu integral apoio a essas comissões de moradores, na medida em que elas podem ser os conselheiros reais das câmaras municipais, dos governos de distrito e do Ministério da Administração Interna para a resolução do problema habitacional em Portugal.»

Mais adiante, ainda sobre este mesmo assunto disse:

«As comissões de moradores, na medida em que vão tentar resolver o problema habitacional da gente muito pobre, são extraordinariamente úteis. O fundamental é que sejam, tanto quanto possível, apolíticos, e que tenham por finalidade a solução daquele problema».

Particularmente importante foi a ideia expressa pelo Comandante-Adjunto do Copcon sobre a necessidade dos Conselhos Revolucionários.

Revelando que tencionara estar presente no Congresso realizado, acrescentou que «se houvesse uma intervenção estrangeira, no que não acredito, então sim, mobilizava mo-nos todos, davam-se armas e camuflados, fugíamos para a Serra da Estrela e lá nos defendíamos.»

Sobre o resultado das eleições observou não ter quaisquer dúvidas que o PS albergou muitos votos, pelo facto das Forças Armadas falarem no nosso caminho para o socialismo.

# DOMINGO SEGUNDA-Feira QUARTA-Feira QUINTA-Feira SEXTA-Feira

(Continuação da pág. 14)

## TERÇA-FEIRA, DIA 29

— Nas vésperas da transferência de local a que foi sujeito o material da recém extinta Região Militar de Tomar, deflagrou um violento incêndio no respectivo Quartel-General, tendo sido queimados pelo fogo vários documentos e material.

///

— José Gomes, do Secretariado da Intersindical, referindo-se aos motivos porque a Intersindical não convidara o PPD a tomar parte nos festejos do 1.º de Maio, afirmou a determinado passo que "nas eleições para a Constituinte, ficou bem clara a recusa do povo português à chamada via social-democrata. A Intersindical, assim, nunca aceitaria convidar uma organização que defende uma "via" em que, de modo nenhum, se encontram assegurados os interesses dos trabalhadores portugueses."

Se é este o motivo pelo qual não foi convidado o PPD, então não percebemos como foram convidados os outros partidos que tiveram menos votos que o PPD (PC, MES, FSP, MDP/CDE)...

Por outro lado, que dizer da análise política feita pelo dirigente da Intersindical que no dia 1 de Maio viria a fechar a porta na cara de Mário Soares, segundo a qual, as eleições recusaram a via social-democrata?!

— Costa Martins Ministro do Trabalho, afirma em Conferência de Imprensa que a greve é a última, mas mesmo a última arma dos trabalhadores.

Lamentamos que, à semelhança do que, por exemplo, já afirmou o Brigadeiro Otelo, o ministro do Trabalho não tenha admitido se quer a hipótese de se armarem os trabalhadores!

— Em entrevistas ao «Diário Popular», a camarada Isabel do Carmo analisou nestes termos os votos do PS e do MES:

— "A vitória do Partido Socialista tem, quanto a nós, vários com-  
ponentes: os votos da pequena

burguesia, que sente interesses; os votos resultantes do equívoco de ligar a palavra "socialista" a socialismo; os votos da direita, que vê a possibilidade de uma saída possível na social-democracia; e, por fim, os votos do proletariado desiludido com o Partido Comunista e que não encontrou uma saída revolucionária."

"Os resultados do MES, que tem por um lado os distritos, revelam que a sua implantação não está relacionada com o facto de as zonas serem ou não operárias, o que não acontece com os restantes partidos; esse facto corresponde à existência, por todo o lado, de uma pequena burguesia intelectual de esquerda."

///

— As forças reaccionárias e imperialistas desencadeiam em Luanda novo e, desta vez mais violento, ataque contra o MPLA.

Os recontros assumem proporções até hoje inéditas, calculando-se o número de mortos em cerca de 1000, na sequência de cenas verdadeiramente bárbaras.

— Em conferência de Imprensa é anunciada a criação, isto é, reconstituição, do CMPL (Comité Marxista Leninista Português), o qual surge depois de anunciada a dissolução duma das facções do PCP (m-l).

— O Conselho da Revolução decide conferir personalidade jurídica à intersindical, num momento em que ia já quase no auge a polémica

— Como se esperava, ocorreram no Estádio 1.º de Maio incidentes entre os diversos partidos da

coligação, Intersindical e seus convidados.

De salientar, pela sua importância política, os assobios e apupos que se escutaram durante a intervenção do Presidente da República.

Transcrevemos, a propósito, algumas afirmações do General Costa Gomes:

Nestas eleições, em civismo classificá-lo-ia de óptimo e, em intuição, de excelente.

Como o nível de exigência é diferente não daria a mesma classificação a todos os que se consideram entidades políticas em Portugal.

Estas eleições, na opinião pública mundial que subscrevo, são a maior vitória da Revolução, o selo de ouro que garantiu a proclamada aliança Povo-MFA, confirmou a política de descolonização e sancionou o rumo do socialismo para o Portugal novo.

Perdoai a imagem de militar que sempre serei:

Quem ganha uma batalha passa à exploração do sucesso sem se preocupar em minimizar a vitória só porque entenda diminuta a instrução das suas tropas.

Mesmo que a informação pública mantenha, a tônica de tecer extrapolações a partir de casos individuais de ignorância total da ciência política, manterei firme a minha fé na intuição magnífica do povo que votou no prosseguimento autêntico e livre dos seus filhos fardados no progressismo do MFA.

A intervenção do Primeiro-Ministro foi caracterizada pelas frequentes referências à actual situação económica e à necessidade de se aumentar a produção. Afirmo adeterminada altura o Brigadeiro Vasco Gonçalves:

"A nossa crise económica e, neste momento, o obstáculo fundamental a vencer, e a nossa grande dificuldade. E o tempo que temos para avencer é limitado.

Ou recuperamos, por nós próprios, com o nosso esforço, ou comprometeremos gravemente a marcha do nosso processo revolucionário, o futuro da nossa pátria. Estariam à vista o regresso do fascismo, a dependência económica, a perda das liberdades."

## SEXTA-FEIRA, DIA 12

— O PS convoca para o Rossio uma manifestação de protesto contra os acontecimentos da véspera.

A manifestação, que é convocada no próprio dia em que se realiza, tem a determinada altura uma extensão que vai desde o Rossio até à AV. Duque de Palmela, passando pelo Marquês de Pombal. Incorporaram-se nela militantes do PPM, do PCP (m-l) e do PPD (estes sem bandeiras dentro do cortejo).

— Costa Gomes recebe Mário Soares e Salgado Zenha.

— O jornal "A República" não sai.

Num comunicado divulgado no dia seguinte afirma-se não se terem tratado de questões de carácter partidário.

— Em Conferência de Imprensa dada no Quartel-General da Região Militar do Norte, o tenente-coronel Pezarat Correia, membro do Conselho da Revolução, afirmou, referindo-se aos problemas de Angola: "nós não damos a independência a Angola para que ela venha a servir interesses estranhos."

E mais adiante: — Há, realmente suspeitas, e por vezes provas, de que, pelo menos um desses movimentos, esteja a incluir nas suas forças elementos que não são naturais de Angola.

Na mesma Conferência de Imprensa, afirmou o coronel Charais a determinada altura: "Há dificuldade em resolver importantes distorções sociais. O problema do horário nacional tem de ser resolvido de modo revolucionário. Não é com horários normais, ao nível europeu, que poderemos transformar o País, como se pretende. Os objectivos da Revolução só serão conseguidos com um aumento drástico dos horários de trabalho."

— Segundo informa "A Capital" foram detectadas organizações terroristas ligadas à Juventude Centrista (CDS).

De acordo com a referida notícia, foram já detidos cerca de duas dezenas de indivíduos implicados, estando previstos pela organização em causa os mais diversos actos de sabotagem e de terrorismo em articulação com organizações fascistas tipo ELP e congêneres em França e na Itália.

— Paulo Jorge, dirigente do MPLA responsável pelo sector dos

contactos e com o exterior, disse que a "integração nas forças da F.N.L.A. de elementos que não são angolanos e por isso esbarram com usos e costumes que não conhecem, faz que ajam pela força procurando aterrorizar populações que são submissas."

## SABADO DIA 3

— Em declarações ao "Expresso", Ramiro Correia afirmou que "serão os próprios trabalhadores que encontrarão através da sua análise quem são aqueles que estão contra os interesses dos trabalhadores: são as tais palavras que são diferentes dos actos e que nós queremos que sejam os trabalhadores por si a descobrir e a ter consciência (...) de quem é ou não por eles! Porque ou os dirigentes políticos compreendem que é preciso encontrar as formas correctas de integração dos trabalhadores na construção do socialismo, ou então estou convencido de que muitos desses dirigentes políticos não correspondem às necessidades históricas e serão afastados."

— Pinto Balsemão, director do "Expresso" e dirigente do PPD, escreve em editorial que o "corajoso discurso" do Presidente da República "bem merece ser meditado".

— Em declarações ao enviado especial da revista espanhola "Cambio 16", Otelo Saraiva de Carvalho afirmou "ver com intranquilidade" os contactos crescentes entre a NATO e a Espanha, embora a Espanha não mostrasse nenhuma disposição para unir-se à NATO contra os interesses de Portugal.

A ver vamos...

# VOTA PS VOTA CONTRA-REVOLUÇÃO

ocupações de casas e campos, a formação de Conselhos Revolucionários contra a reacção fascista demonstram à evidência, que os trabalhadores, os soldados e os marinheiros, desejam organizar-se para a tomada do poder - fazer a Revolução Socialista.

## CONCLUSÕES

O processo que levará este país à Revolução Socialista foi entravado pelas eleições, criando condições de domínio da burguesia que não tem possibilidades de resolver os graves problemas com que nós nos debatemos.

Foram elucidativas as intervenções e entrevistas concedidas pelos sectores militares mais progressistas. Foram adianta-

das conclusões, apontando no caminho da formação de um Exército Popular, da mobilização geral de todo um povo, contra a agressão imperialista. Foi mostrada a extrema dispolitização de amplos sectores, matéria moldável pelos interesses de caciques. Foi mostrada a inoportunidade de eleições, destas eleições, de todas as eleições em que participem exploradores e explorados. Não há eleições livres e em liberdade enquanto existirem classes em confronto. As verdadeiras eleições livres serão aquelas que decorrerão no seio das classes produtoras, que terão para si toda a democracia e liberdade, mas impondo a sua implacável ditadura sobre os opressores.

Só há eleições livres na DITADURA DEMOCRÁTICA DO PROLETARIADO.

# Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.\* - Trav. Condessa do Rio, 7-9 /// Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

## O PERIGO DUMA INTERVENÇÃO IMPERIALISTA EM PORTUGAL

### Posição do PRP-BR sobre a situação originada pelos festejos do 1.º de Maio

1 - O Partido Revolucionário do Proletariado-Brigadas Revolucionárias considera que se vive actualmente em Portugal uma grave situação política, pelos pretextos de intervenção que dá ao imperialismo. O nosso Partido denuncia a cega política de avestruz que o revisionismo pratica, pois poderá levar ao suicídio não de um partido mas de milhares de homens.

2 - Tudo isto vem na sequência do jogo eleitoralista em que recentemente se empenharam vários partidos e organizações políticas. Tínhamos então razão quando prevenida contra este jogo e os seus previsíveis resultados, recusando-nos a nele participar.

Tínhamos igualmente razão quando recusamos um 1.º de Maio de conciliação de classes e folclore e defendíamos um 1.º de Maio de combate. Mas, também, já agora gostaríamos que a Intersindical desse um esclarecimento que convencesse alguém sobre o critério que presidiu à convocação dos partidos para a manifestação (terem assinado o pacto com o MFA, serem o mais votados nas burguesias, serem amigos do P.C.P.?)

3 - Neste momento de grave crise política, (em que nos arriscamos a uma intervenção imperialista em Portugal, pela mão da social-democracia, em que está em jogo a vida de milhares e milhares de homens e a independência nacional), o P.R.P. - B.R. chama a classe operária, os soldados e marinheiros e todos os revolucionários a unirem-se e a manterem-se firmes, colocando os interesses das classes exploradas e o avanço do processo revolucionário acima das manobras e jogos partidários. Propomos concretamente, como uma formas de defender os interesses de classe do proletariado, ultrapassando divisões e jogos partidários, a rápida organização e desenvolvimento dos Conselhos Revolucionários de trabalhadores, soldados e marinheiros.

Lisboa, 3 de Maio de 1975

Secretariado Político  
Do P.R.P. - B.R.



A chegada a Lisboa, a convite da Intersindical, para participar nas celebrações do 1.º de Maio, a delegação sul-vietnamita foi saudada pelas forças revolucionárias portuguesas, entre as quais se contava o PRP-BR. Sobre a situação no Vietnam. (Ver pág. 11).

## PORQUE NÃO FOI O PRP-BR À MANIFESTAÇÃO DO ESTÁDIO 1.º DE MAIO?

A manifestação do Estádio 1.º de Maio foi a manifestação oficial, governamental. Não estivemos na manifestação oficial. Aí foram os adeptos do PPD, convocados para comparecer. Aí foi o PS impôr direitos que lhe advêm da sua posição. Não fomos com o partido dos patrões e com a social-democracia. O momento não é de "unidade" com a burguesia de conciliação de classes. O momento é de combate e de opção revolucionária.

Aí foi a Intersindical falar em nome dos trabalhadores, mas sem que os trabalhadores eleitos na base fossem ouvidos.

Aí não foi o MES, tomando posição pública acerca da sua não ida, pelo que o felicitamos.

A festa do Estádio 1.º de Maio, com variedades, habilidades, churrascos e folclore ilude os problemas fundamentais. Hoje ainda o cravo na lapela pode ser areia que se atira aos olhos. As multidões que vão ao futebol de manhã e à manifestação à tarde não coincidem com as que fazem a revolução.

O PRP-BR não foi com o folclore. Foi na manifestação dos trabalhadores revolucionários.

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

PROFISSÃO .....

LOCAL DE TRABALHO .....

ASSINATURA: Semestral - 85900   
Anual - 170900

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale